

EDITORIAL

ARTIGOS

Olhar, Conhecer, Escrever

José Américo de Lacerda Júnior

A Palavra como Dominação

Pedrinho Guareschi

Leitura e Escrita: Direitos para o Alcance da Cidadania

Leiva de Figueiredo Viana Leal

A Liberdade de LER no Plural

Francisco Silva Cavalcante Júnior

Linguagem e Representação: Um Tema para os Estudos

Francisco Silva Cavalcante Júnior

Mídia e Formação Cultural

Gláucia Guimarães

A Televisão como Meio Pedagógico: Algumas Considerações

Sobre a Publicidade e a Criança

Veruska Sayonara de Góis

EXPERIÊNCIAS

RESENHAS

LIVROS

PERISSÉ, Gabriel - *Ler, Pensar e Escrever*

Olgair Gomes Garcia

FILMES

Billy Elliot - *Pe. Marcos Sanharó*

A Maça - *Olgair Gomes Garcia*

2.1
2

REVISTA DE EDUCAÇÃO - ANO 32 - Nº 126 - JANEIRO/MARÇO DE 2003 - LINGUAGEM E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE - Práticas pedagógicas, cultura e linguagens

Revista de **AEC** Educação

Ano 32 nº 126
Janeiro/Março 2003



Linguagem e Constituição da Identidade



Práticas pedagógicas

A Palavra como Dominação

Pedrinho Guareschi¹

Resumo em Português

O artigo apresenta uma discussão sobre o emprego da palavra como forma de dominação. Discute situações em que a palavra funciona como comando verbal automático. Mostra como se dá a lavagem cerebral e outras formas de lavagem cerebral disfarçadas. Aprofunda a maneira como a palavra pode se tornar dominadora quando empregada por uma pessoa que esteja em uma posição hegemônica. Conclui mostrando como essa mesma palavra, paradoxalmente, pode se transformar também em um instrumento de libertação.

Palavras-chave

Dominação verbal – Lavagem cerebral – Manipulação verbal – Psicologia da Comunicação.

Abstract

The paper presents a discussion about the use of the word as a way of domination. It discusses situations in which the word is employed as a verbal command. It shows how brainwashing and other disguised forms of persuasion work. It deepens the understanding of how a word spoken by a person in an hegemonic position ends up as a way to dominate people. It concludes showing how this same word, paradoxically, can be transformed in an instrument of liberation.

Keywords

verbal domination – brainwashing – verbal persuasion – psychology of communication.

¹ Natural do Colorado, RS. Formado em Filosofia, Teologia e Letras. Pós-graduado em Sociologia. Mostra em Psicologia Social, com tese sobre a teoria da mudança social em Paulo Freire. Doutor (Ph. D) em Sociologia e Comunicação, com tese sobre os movimentos sociais em prefeituras urbanas. Divide seu trabalho entre o ensino e a pesquisa na PUCRS e a pastoral nas periferias de Porto Alegre. É colaborador do jornal Mundo Jovem e sacerdote redentorista. De 84 a 87, foi assessor nacional da CNBB, em Brasília. Autor, individualmente, de uma dezena de livros e co-autor de outros 15. Entre os mais importantes estão: *Comunicação e Poder* (11ª ed.), *A Máquina Capitalista* (5ª ed.), *Comunicação e Controle Social* (3ª ed.), *Sociologia da Prática Social* (3ª ed.) e *A Fala do Trabalhador* - todos da Editora Vozes. e-mail: guareschi@pucrs.br

Introdução

Misteriosa coisa a palavra! Misteriosa coisa o falar! Quanto já se escreveu sobre “no princípio era o ‘Verbo’”. E ainda hoje ficamos aturdi-dos quando paramos para meditar sobre esse mistério: “a palavra”.

O que queremos discutir hoje é um tema intrigante e misterioso: Como pode ser que as pessoas obedeçam tão cegamente a ordens recebidas, apesar de não haver sentido, ou razão suficiente, para isso? Como se explica tão intensa resposta a um estímulo verbal, apesar de não terem a conseqüente recompensa para tais atos?

Respondo ao desafio que me foi solicitado: discutir sobre a palavra como ‘dominação’. Meu enfoque é psicossocial, isto é, vou tentar refletir a partir da luz que a psicologia social procura jogar sobre o fenômeno. Isso significa que é no entrelago do indivíduo e a sociedade que esse fenômeno é estudado. E cremos que nosso enfoque é privilegiado, pois nada mais “psicossocial” que a linguagem, que a palavra. Impossível a linguagem sem um sujeito falante, impossível o sujeito sem uma linguagem que o constitua. Nós nos construímos, construímos nossa subjetividade, a partir da linguagem.

Dentro dessa dimensão da linguagem, contudo, privilegiamos uma relação específica e nos perguntamos se essa maravilha que é a palavra, que é a linguagem, não pode se tornar um motivo de preconceito e de prejuízo para o ser humano. Perguntamo-nos o que sucede quando a linguagem é empregada como uma arma de dominação.

Explicamos, de imediato, o que entendemos aqui por dominação. Queremos distinguir entre dois conceitos: o conceito de *poder* e o de *dominação*. *Poder*, a partir do seu próprio sentido original, primeiro, é uma capacidade, uma potencialidade de algum sujeito que “pode” fazer algo, isto é, tem a capacidade de fazer alguma coisa. Ainda se poderia dizer que ele é uma qualidade de um sujeito. Nesse sentido, o fato de alguém ter poder não implicaria necessariamente em um problema social, como entendemos problema em psicologia social, isto é, uma conjugação de fatores mais ou menos estaveis que se articulam formando uma instancia conflitiva. O fato de uma pessoa ter determinada qualidade, de ler, escrever, dirigir um carro, etc., que seria ter um poder como o entendemos aqui, não cria uma situação conflituosa. Já por *dominação*, entendemos uma relação, isto é, a ligação necessária entre dois elementos, onde um não pode existir sem o outro. Para o nosso caso, podemos dizer que todos têm o poder de falar, isto é, todos têm uma capacidade, adquirida pela socialização, de poder se

comunicar socialmente. O poder palavra. Já dominação, nesse sentido, seria a relação que se daria entre dois sujeitos, onde um se apropriaria, por exemplo, do 'poder' da palavra do outro, empregando-o para seu proveito próprio. Exemplo disso é quando roubamos a palavra de outra pessoa e a impossibilitamos de dizer sua idéia, expressar seu pensamento, manifestar sua opinião.

Com essa distinção em mente, passamos a discutir algumas situações onde, a nosso ver, podem ser detectadas situações de relações assimétricas, desiguais, injustas, de expropriação de direitos e poderes de determinadas pessoas. Tentaremos elencar uma série de situações e examiná-las a partir de um referencial crítico.

Procuramos enfocar alguns pontos centrais. Primeiramente, veremos como de maneira mais direta e ativa, a palavra pode funcionar como dominação. É através do emprego atual e direto do "verbo", que podem ser criadas situações assimétricas e injustas. Veremos aí alguns mecanismos que são empregados, como o comando, a lavagem cerebral, etc. Em um segundo momento deter-nos-emos na análise de como uma palavra já funciona como dominação pelo simples fato de ser a palavra "oficial". Iniciamos com uma discussão sobre a linguagem e o significado. A seguir discutimos com mais pormenores como se dá uma lavagem cerebral padrão. Finalmente tentamos aplicar essas reflexões para temas mais diretamente ligados à educação, como as escolas, igrejas, famílias etc.

A linguagem e o significado

A linguagem e o significado se desenvolvem e se desdobram, cultural e individualmente, em um contexto social. A função da linguagem é, nesse sentido, sempre, e sob formas incontáveis, social.

O que nos interessa discutir aqui é como a linguagem exerce, muitas vezes, a função de uma *arma*, com a qual o ser humano tenta compelir seu semelhante a obedecer a suas determinações. Existem vários exemplos desse aspecto da linguagem, alguns bastante óbvios, outros mais sutis e complexos.

O exemplo mais direto e óbvio de influência lingüística é o *comando*. Consideraremos aqui certos treinamentos capazes de produzir o que se poderia chamar de "hábitos de obediência". São situações em que a "palavra é lei", como, por exemplo, a hipnose, a obediência cega como exigida em determinados grupos religiosos e na "lavagem cerebral". Exemplos mais complexos de influência lingüística são diversas outras técnicas psicológi-

cas que disfarçam o comando e induzem à obediência veladamente. O comando é latente. Como exemplo desses processos mais velados podemos citar a persuasão, a sugestão, a auto-sugestão, a pressão moral e a percepção subliminar, como veremos adiante (Guareschi, 2002, cap. 22).

Em todos esses processos há, de uma maneira ou outra, a percepção do significado da palavra como sendo "o conjunto de disposições para responder que estão associadas a uma palavra ou a um pronunciamento da linguagem" (Terwilliger, 1974:313). Na medida em que uma palavra encerra significado, está nela presente uma disposição de comportamento. Para que um comando se traduza em ação, basta apenas traduzir a disposição de comportamento relevante (que é o significado do pronunciamento) levando-a de uma disposição "per se", a uma ação visível, aberta. É a passagem da potência para o ato.

Essa passagem da potência para o ato pode ser conseguida de diversas maneiras:

- pela manipulação da situação externa, possibilitando ou impossibilitando a concretização da ação, como, por exemplo, mandar erguer uma tonelada ou 10 quilos;
- pela manipulação da motivação da pessoa, como, por exemplo, fazendo promessas, justificando as ações, ameaçando as pessoas caso não realizarem a tarefa;
- pela manipulação das recompensas.

Dessa maneira, procura-se chegar a uma "combinação adequada" entre o comando e sua ação correspondente. O problema, em geral, situa-se em como conseguir o máximo de retorno ao estímulo verbal (palavra), com o mínimo de investimento, isto é, sem que necessitemos investir demais em recompensas, treinamento de mudança e hábitos etc., se possível empregando apenas a palavra.

A medida que uma pessoa esteja dando resposta a um significado de alguma palavra, há, com raras exceções, certo grau de independência de seu comportamento, com relação às intenções de qualquer outra pessoa.

Coloca-se a esta altura outro ponto de interrogação: até que ponto, ou que grau de liberdade, existe para a pessoa dispor de escolha? É possível "fechar" de tal modo o significado que a resposta a determinada palavra seja sempre, e exatamente, a mesma? Temos aqui uma analogia à problemática discutida por Gramsci, no referente à hegemonia. Hegemonia, na sua definição mais aprimorada, é a capacidade que tem o grupo dominante de dar uma explicação da sociedade ou das coisas *como a única*

possível. (Guareschi, 1998, cap. 8). Nesse ponto, fecham-se as portas a outras possíveis explicações e configura-se uma dominação ideológica (tomando ideologia no sentido de dominação hegemônica). Paralelamente, podemos colocar a questão: até que ponto é possível *fechar* o significado de uma palavra de tal modo que ela só possa significar uma e a mesma coisa para determinadas pessoas ou grupos?

Paralela à discussão sobre linguagem e significado está a discussão sobre consciência. Entendemos por *consciência* o conhecimento, maior ou menos, das razões históricas da sociedade e do grupo social que explicam por que agimos da forma como agimos (Lane, 1981:23-24). Pensar a realidade e os significados atribuídos a ela, questionando-os de forma a desenvolver ações diferenciadas, isto é, novas formas de responder e agir, que por sua vez serão objeto de nosso pensar, permite desenvolver a consciência de si, a consciência social e a consciência de classe. Terwilliger define como *inconsciência* à “situação de completa certeza ou de comportamento mecanizado em que um estímulo produz uma e apenas uma disposição de responder” (1974:318). E define como *consciência* ao “conjunto de disposições para responder, ou seja, como coleção de tendências para executar certos movimentos (comportamento ou atos, no adulto) diante de certos estímulos” (1974:318).

O ponto a sublinhar é o de que a consciência exige um conjunto de várias disposições, sendo, em verdade, consequência da possibilidade de escolha. Segundo ele, sendo o significado definido como um conjunto de tendência para responder a determinada palavra, ele é, por definição, consciente. A compreensão e o emprego da linguagem, do sistema de significados que é a linguagem, apresenta-se como um processo consciente. Conseqüentemente, se alguma palavra viesse a adquirir o poder de despertar uma, e apenas uma, tendência de resposta, não seria consciente e não teria significado da maneira como outras palavras possuem significado. A palavra que desperte apenas uma tendência de resposta não se integra ao nosso conhecimento consciente, a ela não reagimos conscientemente e ela, na verdade, não tem significado.

O processo de lavagem cerebral, ou o incitamento à obediência cega, envolveriam a sistemática eliminação do significado das palavras da língua, até o ponto de cada palavra só ter associada a ela uma tendência de resposta, no contexto em que os comandos ocorrem. Poder-se-ia agir dessa maneira pelo menos com relação a algumas palavras, em algumas situa-

Torna-se claro como isso acontece no comando militar. No treinamento, a palavra deve ser seguida pela ação e deve ser seguida sempre. Cada vez que seja pronunciada uma palavra uma, e apenas uma, ação é permitida e uma, e apenas uma, ação se manifesta. Não são permitidos desvios e a ação é forçada, se isto for preciso. O soldado não pode desenvolver o hábito de parar e de pensar se é acertado o que está fazendo, porque isso, automaticamente, lançaria ambigüidade sobre a situação.

Pode-se concluir, pois, que o comando é eficaz não porque as palavras tenham chegado a significar certas coisas, mas precisamente porque chegam a nada significar. Não são mais palavras, são meros estímulos.

Analogamente, podemos dizer que surge aqui a contrapartida verbal do que Adorno (1950) denominou de *personalidade autoritária*, o indivíduo que deseja e *vive* para, simultaneamente, obedecer e comandar.

Que seria lavagem cerebral?

A discussão do processo de lavagem cerebral nos leva um pouco mais além, nessa discussão.

Pode-se definir lavagem cerebral como a tentativa de induzir uma pessoa a abandonar uma ideologia e aceitar outra, fazendo-o de maneira total e completa, de sorte que venha a acreditar na ideologia nova, tal como acreditou na anterior, passando a reagir em função dessa alteração.

Corresponderia assim a uma tentativa, agora em larga escala, de eliminar um conjunto de significados associados a certos termos, substituindo-o por outro conjunto.

Entende-se por ideologia, nesse caso, um conjunto de significados ligados a um grupo particular de palavras. Palavras cruciais para a compreensão de uma ideologia política, seriam, por exemplo, democracia, liberdade, comunismo, esquerda, etc.

Como comumente considerada, a lavagem cerebral é um processo que implica em vários passos:

- a) O afastamento de quaisquer contatos sociais; não devem estar presentes influências perturbadoras ou capazes de exercer efeitos contraditórios. Esse isolamento pode ser físico, ou psicológico, quando existe a suspeita, entre as pessoas, de existirem espões e delatores, começando uns a desconfiar dos outros.
- b) O passo seguinte é extrair da pessoa uma “confissão”, que consiste no repúdio e condenação de tudo aquilo em que a pessoa acreditava: é o afastamento da ideologia anterior. Se a confissão

for escrita, melhor. Não se trata de fazer com que as palavras se tornem privadas de sentido; trata-se, antes de substituir o sentido de um determinado termo, por outro significado novo e genuíno. As palavras que uma pessoa diz, adquirem força para ele, pois é-lhe pedido que as analise, critique, reexamine. Como a linguagem é um instrumento social, e sua validade decorre do consenso, a pessoa submetida a lavagem cerebral só pode usar a linguagem dentro de parâmetros compreensivos para o grupo que o cerca, que o informa, que o interroga. É por isso que a supressão de qualquer possibilidade de estímulos diferentes e alternativos é fundamental. Através, pois, da repetição mecânica de enunciados ideológicos, em que certos usos de palavras são rejeitados e outros são apoiados, velhos significados podem ver-se esquecidos e substituídos por novos.

c) O passo seguinte é a existência de novas ações. Conforme Worf (1956), o mundo aparece sob novos aspectos, significativamente diferentes, para uma pessoa que sofre uma transformação nos seus significados. Como consequência de aceitar um significado novo, agora age diferentemente com respeito a determinados objetos. A alteração de significado importa em alteração de percepção, cognição, pensamento e ação.

Como vimos, o significado se transforma em compulsão, na medida em que sejam poucas as tendências de resposta associadas à palavra. Como a lavagem cerebral deve destruir um conjunto original de significados, referidos a determinadas palavras, deve operar como opera a situação de comando militar, eliminando várias possibilidades de resposta, até que a pessoa deixe de ter consciência do significado da palavra. Exemplos disso podemos ver em situações em que os meios de comunicação estejam todos articulados para construir determinada representação social de algo de maneira uniforme e homogênea. Creio que um bom exemplo seja o esforço que a mídia oficial tem em definir e classificar os Sem Terra como arrua-ceiros, rudes, brutais etc. As notícias se sucedem e são repetidas *ad nauseam*.

Uma vez que o significado se torne inconsciente, pode ocorrer a construção de seu novo conjunto de tendências, a critério de quem fornece os estímulos. Como o significado e a percepção estão intimamente relacionados, os meios sensoriais não podem oferecer uma informação contraditória. E aqui surge outra variável importante: a rapidez é fator essencial para eliminar o significado: não se pode dar à pessoa sob lavagem tempo

para pensar no que está fazendo. Todos os momentos têm de ser tomados. Tudo deve estar planejado. Tudo deve estar previsto. À pessoa só cabe executar, fazer o que lhe é pedido. Não se pode pensar. Como diz Terwilliger, "se alguém pensa conscientemente em uma palavra, estarão sendo despertadas as várias tendências de responder a ela... A reflexão faz surgir ... a ambigüidade de resposta que na palavra se encerra e, por definição, alarga seu significado" (p.329).

Lavagens cerebrais disfarçadas

Difícilmente se podem encontrar, hoje em dia, exemplos de lavagens cerebrais clássicas. Mas existem muitas lavagens cerebrais disfarçadas e gostaria de discutir algumas circunstâncias onde isso se dá.

Começamos pelas propagandas, que são comuns no rádio e na televisão. Podemos elencar aqui uma série de mecanismos em que há uma diminuição da capacidade de refletir conscientemente no que chega até nós. Sintomático é, por exemplo, o fato de sermos bombardeados por milhares de mensagens, diariamente, e fica cada vez mais difícil mantermos um espírito crítico e uma consciência atenta e alerta. Os pesquisadores apontam que uma pessoa vivendo em uma cidade regular, do sistema capitalista, chega a receber até trinta mil mensagens por dia. Como conseguir manter a vigilância ante tantos estímulos?

Há, além do mais, uma série de mecanismos que convivem quotidianamente conosco e que, subrepticiamente, penetram em nosso ser. Podemos assinalar alguns deles:

– *Imitação*: essa é uma estratégia à qual poucas vezes damos atenção, mas que exerce um poder profundo e abrangente sobre nós, desde nosso nascimento. É verdade que não há como fugir totalmente a suas influências, mas por isso mesmo que nossa consciência deve ser sempre mais aguçada para conferirmos quais são nossos referenciais imitativos. A imitação é geralmente inconsciente, dá-se de cima para baixo (imitamos os mais importantes) e de fora para dentro (primeiro se aceita a pessoa, depois imita-se a ela)

Sugestão ou auto-sugestão: é um ato psicológico automático, no qual não intervém nossa iniciativa pessoal, nem nosso querer, mas sobre nós é inspirada uma idéia por métodos quase hipnóticos.

Persuasão: essa ação é uma insistência sobre nossa sensibilidade, que é atacada por uma série de motivações afetivas, às vezes inconscientes, mas pouco lógicas, mesmo quando se apresentam como possíveis razões.

Pressão moral: é o processo pelo qual se leva alguém a praticar uma ação apelando para o sentimento de culpa, como, por exemplo, cometais como o apresentado no dia das mães: "Você não será bom filho se no dia das mães não apertar a mão de sua mãe e não deixar nela um relógio..." e aí vem a marca. O comercial é insistentemente repetido e como ninguém quer ser mau filho, a pessoa acaba comprando o relógio, mesmo sem ter condições, muitas vezes, de pagá-lo, ao menos para se ver livre do sentimento de culpa que vai sendo nele despertado.

Percepção subliminar: ainda poderíamos mencionar a percepção subliminar, que é proibida por lei, mas que não deixa de exercer grande influência, principalmente quando é disfarçada através de milhares de "outdoors" espalhados pelas cidades e ao longo das estradas.

Além desses mecanismos de um reforçar disfarçado para que as pessoas façam o que é sugerido, poderíamos ainda identificar diferentes situações em que tais estratégias são empregadas em conjunto como, por exemplo, em muitos cursos e treinamentos que possuem, ao menos sob disfarce, semelhanças à lavagem cerebral. Refiro-me, por exemplo, a certos cursos e cursilhos, onde, entre outras orientações, é dito expressamente, a quem perguntar sobre o desenrolar das atividades que serão executadas durante os dias em que ali estarão, que "tudo está previsto". Em outras palavras, a pessoa não precisa pensar, pode desligar seus mecanismos de vigilância, pensamento e criação; sua tarefa é unicamente entregar-se a quem está orientando o curso e tudo terminará bem. Creio que tais práticas podem ser questionadas. Nelas os sujeitos são orientados a não pensarem e planejarem, apenas a seguirem o que foi decidido que eles executem.

A palavra como ordem institucionalizada

Nessa parte final, gostaria de discutir uma questão que raras vezes é levada em consideração ao se discutir a questão do poder da palavra. Quero me referir ao fato de a palavra nunca vir sozinha. Ela, na maioria das vezes, é palavra de um sujeito, que ocupa determinada posição. Discutimos aqui, pois, as diversas dimensões que toma uma palavra pelo fato de ser dita por alguém que ocupa certa posição na escala social.

Identificamos, pela análise sociológica ou psicossocial que fazemos, que em toda sociedade e em toda instituição criam-se estratificações e, a partir da divisão social do trabalho, são criados como que nichos, que determinadas pessoas irão ocupar. Tais nichos são chamados de *posições*. Em uma escola, por exemplo, há a posição de professor, de diretor, de aluno etc. Em uma sociedade maior, em um país, tais posições também existem, apesar de serem dificilmente identificáveis à primeira vista. Aliás, as pes-

soas ingênuas, ou com pouca consciência crítica, acham que todos somos sempre absolutamente iguais e não se dão conta das diferentes relações que separam as pessoas e as colocam em situações diferentes, às vezes antagônicas. Para se ver isso em uma sociedade, é importante descobrir quais as relações básicas que definem tais sociedades. Em uma sociedade capitalista, por exemplo, onde a relação de dominação é essencial (dominação refere-se aqui ao fato de algumas pessoas, nessa sociedade, possuírem os meios de produção e outras apenas trabalharem), ficam marcadas, de imediato, duas posições centrais: a dos donos dos meios de produção, ou de outros capitais, simbólicos ou não, e a dos trabalhadores. E assim poderíamos ir analisando relação por relação, mostrando as diferentes posições que daí derivam: homens e mulheres nas relações de gênero; velhos e novos nas relações geracionais; brancos e negros nas relações raciais; italianos e lusos nas posições étnicas, etc.

Acontece, contudo, que tais relações nem sempre (às vezes podem ser) são relações justas, igualitárias. Às vezes elas são desiguais e injustas e implicam posições de subordinação e até mesmo de exploração. Aproximamo-nos do ponto que desejamos discutir. É evidente que as pessoas são diferentes em uma sociedade. Mas o fato de sermos diferentes não precisa implicar que entre essas diferenças impliquem relações de injustiça, de desigualdade. Somos diferentes, mas somos, em dignidade humana, iguais. Vejamos o caso do professor e aluno. Evidentemente, há diferença entre eles e eles ocupam posições diferentes. Mas essas posições não precisam ser antagônicas e uma posição não precisa estar subordinada à outra, no sentido de que uma possua mais poder e dignidade do que a outra. As relações podem ser de complementaridade, de colaboração, de cooperação, de respeito mútuo. Mas não é isso que acontece grande número de vezes. Pelo fato de na sociedade haver um pressuposto de que determinada posição é mais digna, mais importante, mais poderosa, mais indispensável que outra, estabelecem-se, quase que automaticamente, subordinações e relações desiguais e injustas.

Chegamos ao ponto que queríamos. O fato de uma pessoa ocupar determinada posição, faz com que ela carregue consigo as conotações e as implicações de tais posições. Em uma sociedade, então, em que as posições foram historicamente construídas como assimétricas, desiguais e injustas, os atores, os sujeitos que ocupam tal posição, passam a carregar consigo as implicações de suas posições. Consequentemente, as pessoas que ocupam tais posições de mais prestígio e poder, passam a dominar sobre os outros e *suas palavras*, *suas falas* passam assim a ter mais poder e prestígio. Elas passam a ser palavras de ordem e de dominação.

O importante dessa discussão é o questionamento que gostaríamos de apresentar a muitos detentores de tais posições de comando e prestígio para que não se escondam por detrás dessas posições para poder, mais facilmente, dominar. Para quem quer crescer em consciência e lutar por relações de fraternidade, esse perigo pode existir, não deve, porém, servir de armadilha aos educadores autênticos.

Conclusão

Misteriosa realidade é a palavra. Aliás, o que fizemos até agora, nada mais foi do que discutir isso mesmo de que estamos falando: a palavra pela própria palavra, que se não é aqui falada, mas escrita. E se mostramos como ela pode servir como arma de dominação, com essa mesma arma tentamos denunciar seu poder para que ela possa se transformar em instrumento de libertação. Nosso compromisso, então, é que ela seja uma palavra libertadora e não dominadora.

Uma consequência disso, então, é a necessidade de garantir a palavra a todos, para que se consiga a superação de situações assimétricas e injustas, para fazer da palavra o exercício de um poder-serviço, no estabelecimento de relações de igualdade, onde o ser humano se constrói, junto com os demais seres humanos. A maneira como a palavra é exercida vai construir cidadãos/ãs de deferentes tipos: livres/autônomos, ou subordinados/dominados.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. 1950 *The Authoritarian Personality*. Nova Iorque: The Seabury Press.
- GUARESCHI, P. 2002 *Sociologia Crítica – Alternativas de Mudança*. Porto Alegre: Mundo Jovem (52ª edição).
- GUARESCHI, P. 1989 *Sociologia da Prática Social* Petrópolis: Vozes (2ª edição)
- LANE, Sílvia 1981 *O que é psicologia social?* São Paulo: Brasiliense.
- TERWILLIGER, Robert 1974 *Psicologia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix.
- WOLF, B.L. 1956 *Language, Thought and Reality*. Nova Iorque: John Willey & Sons.

Pedrinho A. Guareschi
PUCRS

Leitura e Escrita: Direitos para o Alcance da Cidadania

Leiva de Figueiredo Viana Leal¹

Resumo

O que norteia este artigo é a compreensão de que DIREITO refere-se ao que é considerado inerente ao homem, como ser social, independentemente de sua raça, sexo, idade e religião, enfim, um direito humano. No entanto, reconhecemos que, para ganhar o estatuto de Direito, é preciso que este seja garantido pelo Estado, por meio de seus órgãos legais e por toda a sociedade organizada. Assim, uma das condições para o alcance desse direito se impõe: garantir o desenvolvimento de habilidades, de saberes e de competências para o uso adequado desses bens, de maneira a assegurar a formação de sujeitos éticos capazes de construir uma sociedade justa.

Palavras-chave

Direito à leitura e à escrita – leitura do mundo – habilidades – saberes – competências – enunciação – letramento social – cidadania plena – sociedade democrática.

Abstract

This article is based on the understanding that RIGHT refers to what is considered inherent to man as a social being, regardless of race, sex, age and religion - in short, a human right. The status of right, however, must be warranted by the State, through its legal institutions and society. Thus, one of the necessary conditions to accomplish this right is to make sure that the access to the cultural wealth of reading and writing is warranted to everybody. It is also necessary to warrant the development of knowledge, abilities, and the competence to make adequate use of them so as to assure the formation of ethic subjects able to build up a fair society.

Keywords

Right to reading and to writing – reading of the world – habilities – knowledges – competences – enunciation – social learning – full citizenship – democratic society

¹ Doutora em Educação